O ARQUIVO MUSICAL DA ORQUESTRA LIRA SANJOANENSE DE SÃO JOÃO DEL-REI (MG)

Aluízio José VIEGAS*

VIEGAS, Aluízio José. O arquivo musical da Orquestra Lira Sanjoanense de São João del-Rei (MG). I COLÓQUIO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA E EDIÇÃO MUSICAL, Mariana (MG), 18-20 jul. 2003. *Anais*. Mariana: Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana, 2004. p.283-300. ISSN: 1807-6556.

RESUMO. Neste trabalho faço um relato pessoal de minha experiência enquanto músico e arquivista musical da Orquestra Lira Sanjoanense de São João del-Rei (MG) e como pesquisador da música sacra brasileira. Apresento algumas informações sobre meu trabalho com manuscritos e acervos musicais, sobre alguns trabalhos realizados e o contato que tive com musicólogos como Francisco Curt Lange, Cleofe Person de Mattos, Maria da Conceição de Rezende e outros, que poderão ser úteis para a história da musicologia no Brasil.

1. Introdução

Convidado pelo Prof. Dr. Paulo Castagna a participar deste I Colóquio Brasileiro de Arquivologia e Edição Musical, pensei no que escrever e falar, chegando a redigir um texto sobre alguns acervos musicais mineiros que conheço e sobre alguns tópicos referentes ao seu conteúdo, como testemunho de minha passagem por eles.

Entretanto, como minha participação foi designada para a última sessão de trabalhos, tive a oportunidade de ouvir atentamente todos os participantes, os debates e as dúvidas surgidas. A cada novo trabalho, percebia que o que eu escrevera diminuía em importância, pois tudo já estava sendo explanado de um modo claro, objetivo e científico, com a apresentação de gráficos importantes e esclarecedores, demonstrando que, até que enfim, parece haver uma certa unidade de pensamento e propósitos entre os musicólogos e estudiosos do passado musical brasileiro.

Com isso, se eu fosse apresentar o que escrevera, meu texto representaria, em um modo bem mineiro de falar, *chover no molhado*. Na manhã do domingo tomei a decisão de não usar o texto escrito e comecei a pensar no que apresentar. Resolvi falar de minha experiência à frente do arquivo musical da Orquestra Lira Sanjoanense, ao longo de minhas atividades musicais na entidade. Inicialmente pensei que isso poderia ser interpretado como promoção pessoal e falta de modéstia, mas não tive outra solução. Comentei o problema com Paulo Castagna e com André Cardoso (que seria o moderador de minha sessão de trabalhos), os quais concordaram que eu teria inteira liberdade para apresentar minhas reflexões de improviso. Confiei então em minha

memória, esperando que o que eu dissesse não se tornasse ridículo. Pedi, em meu íntimo, as luzes do Espírito de Deus.

2. O início

Natural de São João del-Rei (MG), de uma família envolvida com as artes, a cultura, política e atividades sociais, desde meus avoengos, encontrei-me cercado de tudo isso desde pequeno. Levado pela mão de meu saudoso pai, ia à igreja para as festas religiosas e lá me via envolvido por sons musicais de coro e orquestra nas novenas, missas solenes, procissões, etc. Ouvia coros paroquiais de vozes simples acompanhadas de harmônio no Mês de Maria (maio) e no Mês do Sagrado Coração de Jesus (junho). Em minha casa, tanto a do Largo do Rosário onde nasci, como a da Rua Santo Antônio, para onde minha família mudou quando eu tinha quatro anos de idade, ainda aconteciam os encontros familiares nos quais se falava de tudo, incluindo a história da família, onde ouvi muito sobre meus ancestrais.

Na Rua Santo Antônio, a partir de 1949, na casa geminada à nossa pelo lado esquerdo, foi instalada a sede da Orquestra Lira Sanjoanense e, poucas casas adiante, a partir de 1950, também instalou sua sede musical nessa rua a Orquestra Ribeiro Bastos. Com isso, era comum ouvir-se, à tarde, as aulas de iniciação musical dos professores de ambas as entidades e, à noite, os ensaios das músicas para as festas religiosas.

Muitos problemas surgiram em minha família, que era numerosa, sendo eu o caçula de doze irmãos. Os problemas de saúde que afetaram minha mãe e meu irmão mais velho exigiam de toda a família inúmeros cuidados, incluindo a procura de emprego por parte de todos os homens da casa. Em 1953 eu já iniciava minha vida de trabalhos no comércio em uma farmácia, substituindo meu irmão que saíra para prestar serviço militar. Nesse emprego, ainda com 12 anos de idade, tive a oportunidade ímpar de conhecer pessoas que foram muito importantes para minha formação e conhecimentos em todos os sentidos.

Como era comum nessa época, ali na farmácia reuniam-se diariamente pessoas amigas dos proprietários que militavam em vários setores da sociedade, especialmente na política. Um desses personagens era José Vicente de Azevedo, Capitão da Guarda Nacional, já octogenário, que fora bibliotecário municipal e era considerado um prodígio de memória. Diariamente ele relatava um fato, às vezes sério, às vezes cômico,

---

[*] Orquestra Lira Sanjoanense (São João del Rei - MG).

que ele presenciara na sua já longa vida. Eu, acostumado a ouvir histórias de família, prestava toda a atenção às conversas, e ele, notando meu interesse, estabeleceu comigo uma grande amizade, apesar da disparidade de nossas idades. Deu-me um apelido - Aluizinho - e sempre tinha algo a me contar sobre a história de São João del-Rei.

Em 1959 resolvi aprender música para ingressar na orquestra sacra. O professor que procurei era particular e meu intento era aprender contrabaixo. Vários ancestrais haviam sido músicos e meu próprio pai fora um excelente flautista e copista musical, porém encerrara suas atividades poucos anos após o casamento, mas sempre me incentivando ao aprendizado. O professor particular não participava das entidades musicais, era uma pessoa temperamental e, como eu não tinha o instrumento para começar a prática de contrabaixo, fez-me iniciar com o violoncelo, informando que depois eu passaria a tocar o contrabaixo. Como disse, ele era temperamental, neurótico de guerra (ex-combatente da FEB) e com pouco mais de seis meses foi taxativo: "desista de música, você não tem talento e será sempre um músico medíocre". Não desisti e, graças a um grande amigo - Geraldo Barbosa de Souza, já instrumentista justamente no contrabaixo, e que me incentivara ao aprendizado - continuei a tomar lições e adquiri um violoncelo usado e métodos para praticar em casa sob sua orientação. Minhas pretensões eram de ser apenas um músico para tocar na igreja e, para tal, eu achava que seria necessário apenas um estudo prático. Nunca tive pretensões maiores.

Quando da estada em São João del-Rei do eminente musicólogo e professor alemão Dr. Francisco Curt Lange, na década de 50, eu assisti à pequena palestra que ele pronunciou no salão da Paróquia do Pilar, com demonstrações sonoras em fita magnética de concertos que ele realizara com as obras "restauradas". Lembro-me perfeitamente de sua presença na sede da Orquestra Lira Sanjoanense com o maestro Dr. Pedro de Souza e dos ensaios que ele assistiu, tanto na Lira Sanjoanense como na Ribeiro Bastos, quando houve até uma polêmica entre Curt Lange e Pedro de Souza sobre os andamentos musicais.

3. O ingresso na Orquestra Lira Sanjoanense

Em 1960, a convite do maestro Pedro de Souza, ingressei na Orquestra Lira Sanjoanense, apesar de ter participado antes em alguns ensaios na Ribeiro Bastos, então sob a direção de um parente, o maestro Emílio Viegas. Na Lira Sanjoanense, tive

intenso apoio, não só do maestro como do meu amigo Geraldo Barbosa, que muito me ajudava.

Interessado pelo que já sabia sobre a história de São João del-Rei, aprendido na família, com o Capitão José Vicente de Azevedo, e através da consulta de livros manuscritos na Biblioteca Municipal, incluindo a preciosa coleção de jornais e periódicos são-joanenses ali preservada, manifestava grande interesse em conhecer mais sobre a música em São João del-Rei. O maestro Pedro de Souza, então, mostrou-se solícito e incentivador, pois, notando meu interesse, facilitou meu acesso ao arquivo musical, mostrando-me obras que não mais eram executadas e manuscritos autógrafos de vários autores locais, incluindo aí as partituras do Padre José Maria Xavier (1819-1887), o autor mais importante da história musical são-joanense.

Tendo facilidade e boa caligrafia, pedi a meu pai para ensinar-me como copiar música, já que ele era um bom calígrafo. Assimilando a técnica da cópia e ainda usando as famosas penas de aço fixadas em hastes de madeira, comecei a copiar partes, especialmente as que iam ser tocadas por mim. Pedro de Souza mais uma vez incentivou-me, dando-me obras inteiras para re-copiar. Com Geraldo Barbosa, tomei então conhecimento de como montar partituras, ainda que não conhecesse harmonia. Por isso, fazia partituras-rascunho a lápis, que depois eram revisadas por Geraldo Barbosa, Pedro de Souza e pelo compositor, contrabaixista e professor João Américo da Costa, de quem também privei da amizade e com o qual muito aprendi.

Com isso, o maestro Pedro de Souza viu em mim qualidades de colaborador e, depois de poucos meses como integrante da Lira Sanjoanense, pediu-me para ajudá-lo a cuidar do acervo musical, confiando-me uma chave da sede para que, em minhas folgas de trabalho e nos dias nos quais não houvesse ensaios, eu tivesse um lugar para estudar o instrumento e também copiar música, colocando à minha disposição tinta, penas e papel pentagramado em diversos tamanhos. Este foi o meu início como arquivista da Orquestra Lira Sanjoanense.

Minha curiosidade em conhecer mais sobre a música sacra fazia-me folhear obra por obra, solfejando melodias, tomando conhecimento de diversos tipos de orquestração, aprendendo a ler em todas as claves - especialmente as usadas nas partes vocais -, exercitando as regras de transposição para a clave de sol e também para os instrumentos transpositores, como clarinetas, trompas e pistons. Ao fazer novas cópias, eu utilizava esse aprendizado.

Querendo conhecer obras antigas e ver a possibilidade de reintegrá-las ao repertório, comecei então a elaborar partituras, porém sem usar critérios acadêmicos e musicológicos, pois eu não os possuía e ainda hoje não os possuo. Utilizei somente o que na prática do dia a dia fui assimilando de músicos mais experientes.

Assim, fui o primeiro dos pesquisadores da música sacra mineira a montar partituras de obras de autores como José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita e Jerônimo de Souza Lobo, e a revelar um compositor ainda totalmente desconhecido, apesar de já citado: Manoel Dias de Oliveira. Em 1963, montei partituras do *Magnificat em Ré*, da *Encomendação de Almas* e do famoso *Miserere* de Manoel Dias, do Invitatório da *Novena de Nossa Senhora do Carmo* de Jerônimo de Souza Lobo e alguns trechos do *Ofício de Domingo de Ramos* de Lobo de Mesquita, posteriormente apresentados em concertos na Sociedade de Concertos Sinfônicos de São João del-Rei, sob a regência do maestro Pedro de Souza.

4. O arquivo de Japhet Maria da Conceição

Ainda em 1959, influenciado pelas pesquisas e trabalhos de Curt Lange, soube, através de um amigo do meio musical, que os descendentes do músico Japhet Maria da Conceição, herdeiro de Martiniano Ribeiro Bastos, possuíam em sua residência uma grande parte do arquivo musical que não pertencia à Orquestra Ribeiro Bastos e que tais descendentes estavam a queimar músicas. Imbuído do espírito de pesquisa e curioso em conhecer o que lá havia, fui à casa de Maria Carmen Sá, neta de Japhet e, acompanhado de meu amigo, mencionei meu interesse em conhecer o que ali havia e minha preocupação em saber que eles estavam a queimar músicas. Foi apenas uma conversa informal e não tive acesso imediato ao acervo.

Poucos dias após, fui convidado a retornar sozinho, tendo então uma grande surpresa. Numa conversa franca, tomei conhecimento de tudo o que ali havia e do interesse da família em se desfazer do acervo. Por outro lado, a família tinha medo de interferências por parte da Orquestra Ribeiro Bastos, já que o que havia na sede da orquestra fora adquirido por Japhet a partir da morte de Ribeiro Bastos em 1912, quando então a entidade tomou forma jurídica. Após a morte de João Pequeno em 1950, não houve mais nenhuma transação e o que restara estava a incomodar e a ocupar espaço na casa. Por isso, estavam acendendo o fogão a lenha com músicas que apresentavam adiantado estado de deterioração.

A partir desses esclarecimentos, propus adquirir as músicas, solicitando que fosse definido o valor que queriam e sugerindo que fossem tomadas informações com outras pessoas ligadas à música para estabelecimento do preço. Retornando alguns dias depois, minha surpresa foi ainda maior: todas as pessoas consultadas, além de não terem nenhuma noção do valor documental do acervo musical, achavam que não havia nas músicas nenhum valor comercial. Usando de franqueza com Maria Carmen Sá, disse-lhe que o que eu mais valorizava era a preservação de tais documentos, os quais eram testemunho de importante parte do passado musical de São João del-Rei, acrescentando que o fato de eu adquirir aquelas obras poderia ser para ela uma fonte de lucro. A resposta foi: "Se você não as quiser comprar, o destino do arquivo continuará a ser o fogo".

O valor que então foi estipulado era irrisório e, para demonstrar que eu não queria enganar ninguém, ofereci dez vezes o que tinham sugerido, isto é, Cr$20,00 (vinte cruzeiros) por cada obra, mas como eu dependia do salário que recebia como empregado no comércio, somente poderia adquirir três músicas por mês, proposta que acabou sendo aceita. Então, eu ia mensalmente à casa de Maria Carmen Sá com metade do meu salário e levava algumas músicas para minha casa, o que fez com que essa transação durasse bastante tempo. Tendo necessidade de maiores recursos, foi-me proposto fazer uma compra maior, em troca de uma redução do preço à metade. Consegui um adiantamento salarial e comprei um número maior de músicas, recebendo como presente duas grandes partituras: a *Missa a grande orquestra* composta por Antônio Joaquim Nunes em 1827, em manuscrito autógrafo, e a *Messa a Quatro voce e pìu Stromenti obligatti Del M^{o} e Cavalieri Rossini*, ambas encadernadas. Ao abrir a partitura de Rossini, levei um grande susto: era uma partitura também manuscrita e tudo indicava tratar-se de um autógrafo. Chegando em casa, consultei o Dicionário de Música de Tomás Borba e Fernando Lopes Graça,[1] mas essa obra não estava relacionada entre as composições do grande mestre italiano. Procurei maiores informações, porém minhas pesquisas, pela limitação de recursos bibliográficos, foram infrutíferas.

Em 1963, ao conhecer pessoalmente a notável maestrina e pesquisadora Cleofe Person de Mattos, mostrei-lhe a partitura e ela tomou algumas notas, propondo-se a fazer consultas com amigos europeus. Pouco tempo depois, solicitou que eu providenciasse fotografias das folhas principais e as remetesse, pois através de Renzo

Massarani, que então morava no Rio de Janeiro, a musicóloga as conseguiria encaminhar a pessoas influentes na Europa, que teriam maiores possibilidades de fazer consultas na Itália. Foram então, através do grande regente Mario Rossi, encaminhadas as fotos ao Centro Rossiniano de Estudos, em Pesaro (Itália) e, algum tempo depois, recebi cópia das correspondências trocadas entre Mario Rossi e a instituição, incluindo o parecer do Dr. Bruno Cagli, diretor do referido Centro, que dizia tratar-se da *Messa di Gloria*, cujo manuscrito autógrafo estava desaparecido, existindo somente cópias das partes vocais e instrumentais elaboradas em diversas épocas. Afirmava tratar-se de um manuscrito importante e de grande valor, sugerindo a possibilidade da remessa do manuscrito para estudos e avaliação final. Aventou-se a hipótese de tratar-se do autógrafo desaparecido e, nas entrelinhas, dizia a Mario Rossi que o proprietário devia saber que possuía um grande "pezzo", ou seja, um objeto de grande valor. Falava, ainda, que a obra estava conhecendo um "rissorgimento", estando programadas várias apresentações em concerto.

De fato, o manuscrito que possuo é de suma importância histórica para a música ocidental, por tratar-se de um provável autógrafo rossiniano. Tenho plena consciência que esse documento não pode pertencer a uma coleção pessoal, porém até o momento as pessoas que se interessaram por ele somente o fizeram no sentido de tirar algum proveito financeiro ou pessoal. O ideal seria que o próprio Centro Rossiniano de Estudos o adquirisse, pois, aí sim, estaria no lugar ao qual realmente deveria pertencer.

Ao adquirir esse acervo, salvei cópias únicas e manuscritos importantes de um destino catastrófico. Hoje esse acervo está incorporado ao da Orquestra Lira Sanjoanense e considero essa a melhor atitude que tomei em relação ao mesmo, pois ali certamente estará preservado. Assim, quando o acervo da Lira Sanjoanense tiver a possibilidade de ser catalogado a partir de critérios mais modernos, haverá farto material para a pesquisa e a divulgação.

5. Musicólogos em São João del Rei

Na Quinta-feira Santa de 1963 eu ajudava na Orquestra Ribeiro Bastos como violoncelista e também no controle do arquivo, distribuindo e recolhendo as músicas a serem tocadas. Na Missa do Crisma, pela manhã, durante a homilia, compareceram na tribuna do coro e se apresentaram ao maestro Emílio Viegas a maestrina Cleofe Person

---

[1] BORBA, Tomás & GRAÇA, Fernando Lopes. *Dicionário de música*. Lisboa: Cosmos, 1956-1958. 2v.

de Mattos e o Professor Adhemar Nóbrega. Traziam um cartão de apresentação e, ao término da solenidade, eles puderam melhor expor o que queriam. Cleofe estava no auge de suas pesquisas sobre o Padre José Maurício Nunes Garcia e, baseada na informação contida na edição da *Missa de Requiem* de 1816 em redução a vozes e órgão por Alberto Nepomuceno, solicitava permissão para pesquisar as obras do padre-mestre no acervo da Orquestra Ribeiro Bastos.

O maestro Emílio Viegas, que era chamado por todos os músicos de "Seo Milico", não tinha pleno conhecimento do arquivo musical e só tinha mesmo contato com aquilo que era executado nas solenidades são-joanenses, logo afirmando não ter certeza de haver tais obras no acervo, porém chamou-me, apresentando Cleofe e Adhemar e dizendo: "O Viegas aqui, meu primo, conhece o arquivo melhor do que eu e a senhora pode ver com ele". Eu, como era muito curioso e já havia manuseado muitas obras naquele arquivo, logo me adiantei e informei que havia várias obras do padre carioca e o material era muito bem conservado. E logo marcamos um encontro na sede da orquestra para que eu lhe mostrasse o que ali havia. A partir de então, fui um constante colaborador de Cleofe em suas pesquisas sobre o Padre José Maurício e mantivemos uma grande amizade até o fim da vida dessa grande musicóloga, a quem o Brasil muito deve pelo resgate da obra mauriciana, em suas pesquisas, textos, edições e, principalmente, na revitalização de suas obras.

Cleofe retornou inúmeras vezes a São João del-Rei e eu sempre a ajudava. Notou que eu já demonstrava um gosto pela pesquisa e que começava a elaborar partituras de obras dos compositores mineiros, incentivando-me e orientando-me na metodologia de montagem de partituras, e explicando, ainda, os critérios que a musicologia exigia para esse tipo de trabalho. Para ela elaborei as partituras do *Alleluia a 5 vozes para Sábado d´Alleluia*,[2] o coro *Domine, Tu mihi lavas pedes?*[3] e um *Credo em Si bemol*.[4] O *Alleluia* era do meu acervo pessoal e em cópia de Bento das Mercês. O *Domine, Tu mihi* era do acervo da Orquestra Lira Sanjoanense e o *Credo* do acervo da Ribeiro Bastos.

Cleofe incentivou-me a fazer levantamentos de arquivos, a localizar dados históricos de livros manuscritos, instruindo-me como copiá-los *ipsis litteris* e depois

[2] MATTOS, Cleofe Person de. *Catálogo temático das obras do padre José Maurício Nunes Garcia*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1970. n.201, p.298.
[3] MATTOS, Cleofe Person de. Op. cit. n.198, p.295.

transcrevê-los, atualizando a grafia e eliminando abreviaturas para a melhor compreensão do texto. Durante muitos anos, mesmo após a publicação do *Catálogo temático das obras do padre José Maurício Nunes Garcia*,[5] nos correspondemos e nos falamos a respeito de trabalhos musicais. Cleofe fez com que eu participante em diversos eventos ligados à pesquisa e levou a São João del-Rei várias personalidades para conhecer o ambiente musical, no qual ela fez muitas amizades, destacando-se o maestro Pedro de Souza, o maestro Emílio e, especialmente, o talentoso compositor Geraldo Barbosa de Souza, também excelente instrumentista, arranjador e orquestrador.

Esse convívio com Cleofe, aliado à amizade com Geraldo Barbosa de Souza, motivou-me não só a restaurar obras que jaziam no esquecimento, retornando-as ao repertório usual da Lira Sanjoanense, como a re-copiar o material em uso, constituído em sua maioria por cópias antigas e autógrafas.

A preocupação em preservar os manuscritos levou-me a ser um copista incessante de música e, a cada cópia, fui adquirindo agilidade e rapidez, procurando fazer cópias bem legíveis, ainda utilizando penas de aço e tinta. Não existia na época a fotocópia, que mais tarde iria revolucionar a duplicação de partes. O trabalho mais desgastante era fazer as cópias vocais, devido à quantidade a ser copiada para cada naipe do coro.

Sendo uma cidade de interior, São João del-Rei tinha e ainda tem a deficiência de não ter um comércio especializado em música e acessórios. Assim, eu dependia de pessoas amigas para adquirir em Belo Horizonte ou no Rio de Janeiro o papel pautado com número variado de pentagramas, especialmente os destinados à montagem de partituras. Isso também motivou-me a pautar o papel nas dimensões que necessitava, usando o sistema de mimeógrafo a tinta e elaboração dos pentagramas no *stencil*. Pude, assim, montar várias partituras, dando prioridade às obras da Novena de Nossa Senhora da Boa Morte, hoje todas disponíveis em cópias novas. Depois consegui, também influenciado por Cleofe, copiar em papel vegetal pentagramado as cópias das partes vocais e das cordas, para facilitar a duplicação em papel heliográfico.

O apoio e a influência de Cleofe junto ao Conselho Federal de Cultura possibilitaram uma primeira ajuda financeira para algumas reformas nas sedes das entidades musicais e para a preservação e restauração de obras musicais dos seus

---

[4] O manuscrito desse Credo pertencente ao arquivo da Orquestra Ribeiro Bastos indica como autor José Maurício Nunes Garcia, mas Cleofe Person de Mattos não o considerou uma composição do padre-mestre, deixando-a de incluir em seu catálogo, mesmo entre as obras de autoria duvidosa.
[5] MATTOS, Cleofe Person de. Op. cit. 413p.

acervos. Muitos manuscritos estavam impossibilitados de serem manuseados, devido à fragilidade do papel, por seu alto índice de acidez, infestação de fungos e térmitas, mas também pela umidade à qual muitos documentos estiveram expostos. Graças à restauração física, ainda que hoje o sistema empregado não seja mais recomendado, obras tidas como irrecuperáveis puderam ser manuseadas e re-copiadas, estando esses manuscritos ainda preservados, graças a esse tipo de intervenção.

Depois de Cleofe, muitos foram os maestros, musicólogos e pesquisadores que foram a São João del-Rei e com os quais procurei colaborar em suas visitas aos acervos musicais da cidade. Assim, posso destacar alguns nomes que para mim foram importantes, pois pude assimilar alguns conhecimentos, ainda que de modo bem prático, como o Pe. Jaime Diniz Cavalcante, com quem também privei de uma grande amizade. Dele, eu e Geraldo Barbosa de Souza tivemos algumas aulas sobre música antiga e tomamos contato com alguns critérios musicológicos. Foi através dele que se divulgou o *Memento baiano* de Damião Barbosa de Araújo,[6] cuja cópia existia na Lira Sanjoanense. Jaime Diniz também incentivou-me a conhecer a pesquisa e a metodologia da consulta de documentos manuscritos, ensinando-me a leitura e interpretação das abreviaturas tão abundantes em manuscritos dos séculos XVIII e XIX.

Vários pesquisadores como Mercedes Reis Pequeno, Luiz Elmerich, George Olivier Toni e seus alunos da Escola de Comunicações e Artes da USP, Antônio Alexandre Bispo (antes de ir se especializar na Alemanha) vieram a São João del-Rei nas décadas de 60 e 70. Posteriormente, outros como Heitor Combat, Conceição Rezende, Régis Duprat e Maria Augusta Callado tiveram a oportunidade de consultar várias obras musicais no acervo da Lira Sanjoanense.

Outros pesquisadores tiveram maior evidência, salientando-se o maestro e compositor Ernani Aguiar, que estabeleceu com o meio musical da cidade de São João del-Rei um grande vínculo de amizade e de apoio, pois sempre realizou doações de instrumentos e acessórios, divulgando, através de restaurações em trabalhos conjuntos comigo, várias obras musicais de autores antes esquecidos. Mais recentemente, Paulo Castagna também estabeleceu contato com a Lira Sanjoanense, do qual originou-se a gravação em CD dos *Três grandes duetos concertantes* de Gabriel Fernandes da Trindade,[7] cujo manuscrito é propriedade da Lira Sanjoanense. Pude auxiliar e prestar

---

[6] ARAÚJO, Damião Barbosa. Memento baiano para côro e orquestra: estudo introdutório, restauração e revisão de Jaime C. Diniz. *Estudos Baianos*, Salvador, Universidade Federal da Bahia, n.2. 1970. 30, 23p.

[7] TRINDADE, Gabriel Fernandes da. *Duetos concertantes*: restauração Paulo Castagna e Anderson Rocha; violinos Maria Ester Brandão e Koiti Watanabe; texto Paulo Castagna; english version Martha

informações sobre vários aspectos a todos os que me procuraram para informações sobre a música em São João del-Rei ou para a realização de pesquisas musicais e históricas, sendo bastante extensa a relação de seus nomes.

6. O ciclo do ouro

Com o passar dos anos, minhas atribuições na Lira Sanjoanense foram se avolumando e, por várias mandatos, exerci cargos na diretoria, como tesoureiro, secretário e, por imposição do maestro Pedro de Souza, a responsabilidade de cuidar do patrimônio da entidade, especialmente do arquivo musical, tarefa que exerço até o presente. Sinto que, mesmo com esses longos anos de atividade, muito pouco pude fazer, por faltarem-me recursos financeiros e, sobretudo, o conhecimento para que pudesse realmente organizar e catalogar o imenso arquivo da Lira Sanjoanense.

Em 1974 houve o interesse do Professor Elmer Cipriano Corrêa Barbosa, cujas raízes também são são-joanenses (é meu primo pelo lado materno), o qual elaborou um projeto intitulado *O ciclo do ouro: o tempo e a música do barroco católico*,[8] cujo resultado foi a publicação de um catálogo temático de obras de compositores existentes em alguns arquivos mineiros. Na mesma época, o maestro Adhemar Campos Filho, da Lira Ceciliana (Prados - MG), havia apresentado ao Ministério da Educação e Cultura um projeto idêntico e, com a criação da FUNARTE, esta julgou por bem unir os dois projetos, indicando Adhemar Campos Filho e duas equipes para sua realização.

Além do citado catálogo, foi feita e edição de partituras de música sacra mineira dos séculos XVIII e XIX, através de cópias a mão em papel vegetal pentragramado, para impressão em papel heliográfico. Participei, com Adhemar, na CAD (Comissão de Análise da Documentação), comissão que teve como finalidade a pesquisa de campo nos acervos da Orquestra Lira Sanjoanense e da Orquestra Ribeiro Bastos (São João del-Rei), da Lira Ceciliana (Prados), da Orquestra Ramalho (Tiradentes), do Museu da Música de Mariana, e do Arquivo do Pão de Santo Antônio (Diamantina), selecionando

---

Herr. São Paulo: Paulus, 1995, CD 11100-7. Cf. também: CASTAGNA, Paulo. Gabriel Fernandes da Trindade: os Duetos Concertantes. II ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, Juiz de Fora, Centro Cultural Pró-Música, jul. 1996. [*Anais*]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, Petrobrás, Universidade de Juiz de Fora, [1997]. p.64-111.

[8] BARBOSA, Elmer Corrêa (org.). *O ciclo do ouro: o tempo e a música do barroco católico*; catálogo de um arquivo de microfilmes; elementos para uma história da arte no Brasil; Pesquisa de Elmer C. Corrêa Barbosa; assessoria no trabalho de campo Adhemar Campos Filho, Aluízio José Viegas; Catalogação das músicas do séc. XVIII Cleofe Person de Mattos. Rio de Janeiro: PUC, FUNARTE, XEROX, 1978 [na capa: 1979]. vi, 454p.

as obras para microfilmagem e elaborando a ficha com todas as informações possíveis. Foi um trabalho pioneiro e, como tal, com muitas falhas, pela falta de uma sistematização científica. Os resultados, porém, ainda hoje são válidos, pois o catálogo tem sido utilizado como fonte de referência e consulta por muitos pesquisadores da música brasileira do passado.

A partir desse trabalho e pela constante comunicação com pesquisadores, fui convidado a fazer palestras sobre a música em Minas Gerais, enfocando somente os aspectos históricos e sempre baseado no que eu pesquisara em São João del-Rei e na prática de lidar com vários arquivos de música e livros manuscritos de irmandades.

7. Cópias e edições

A necessidade de renovar partes antigas por cópias novas é permanente, pois quem está lidando sempre com manuscritos sente a responsabilidade de preservar documentos desgastados e autógrafos como um meio de conservá-los para a posteridade. Como isso é constante na Orquestra Lira Sanjoanense, estabeleci um critério: ao fazer a cópia integral de uma obra e montar sua partitura, duplico tudo em fotocópias e preservo as cópias em envelope ou pasta, evitando seu desgaste e permitindo ter sempre à disposição uma boa fonte para novas cópias.

Um exemplo desse tipo de trabalho está na renovação de todo o material das obras musicais que se utilizam nas solenidades do Trânsito e Assunção de Nossa Senhora em São João del-Rei e que são abrilhantadas pela Lira Sanjoanense desde 1776, o qual foi recopiado por mim e por Geraldo Barbosa de Souza. As partes vocais foram organizadas em pastas de envelopes plásticos transparentes, o que garante sua melhor preservação. As partes instrumentais foram duplicadas em fotocópias e encadernadas, também para melhor preservação. De todas essas obras, foram elaboradas partituras, corrigindo-se erros, revisando-se o texto latino e uniformizando-se a dinâmica, com a finalidade de obter-se um melhor material para os executantes, o que sem dúvida se reflete na melhoria da prática musical do conjunto.

Em 1976 comemorou-se com muitos eventos artísticos e religiosos o bicentenário da Orquestra Lira Sanjoanense. Importantes artistas do cenário musical brasileiro participaram em concertos e recitais, como o Quarteto Guanabara, o Conjunto Ludwig, a Orquestra de Câmara e Coral de São Paulo, o Coral Municipal de Petrópolis, a Associação de Canto Coral do Rio de Janeiro, os pianistas Antônio Guedes Barbosa,

Caio Pagano, Talitha Cardoso Vale, Isabel Mourão e André Luiz Dias Pires, a cantora Adalgisa Rosa, a Lira Ceciliana de Prados e a Sociedade de Concertos Sinfônicos de São João del-Rei. A Lira Sanjoanense promoveu as cerimônias religiosas das Matinas de Santa Cecília e uma missa solene em 22 de novembro, com programa exclusivamente constituído de obras de autores são-joanenses. Foram ainda realizadas conferências e palestras sobre música, enfocando a música sacra que se faz em São João del-Rei, tendo sido publicados vários trabalhos. Foi realizada uma exposição no Museu Regional de São João del-Rei com obras de arte de importantes autores do período colonial e a exposição de manuscritos musicais do arquivo da Lira Sanjoanense. A ECT (Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos) participou com um carimbo postal comemorativo, usado durante um certo período na agência de São João del-Rei, despertando o interesse do mundo filatélico.

Graças a essas comemorações, despertou-se também o interesse da comunidade musicológica brasileira, incrementando-se a pesquisa, a restauração de obras para apresentações em concertos e o estudo histórico do movimento musical brasileiro de modo mais sistemático. Os compositores mineiros dos séculos XVIII e XIX passaram a ser tema de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Jovens que ingressaram nos cursos acadêmicos de Música foram levados a se interessar pela pesquisa como meio de ampliar os estudos e muitos têm se envolvido com a música sacra brasileira.

Posteriormente, em 1977 e 1978, o maestro Adhemar Campos Filho celebrou com a FUNARTE, por intermédio da Lira Ceciliana (Prados), um projeto para edição de partituras em papel vegetal pentagramado, de música sacra mineira dos séculos XVIII e XIX, do qual participei, juntamente com Geraldo Barbosa de Souza e o próprio Adhemar. Os critérios do trabalho não obedeceram ao rigor científico, tendo sido os mesmos que anteriormente foram estabelecidos pela direção da FUNARTE. O trabalho sofreu várias críticas, porém seus críticos nada tinham feito até aquela época e nada fizerem depois. O trabalho realizado, contudo, foi positivo, no sentido de despertar mais interesse pelo passado musical brasileiro. Dele resultou a edição de um catálogo de música sacra mineira, por José Maria Neves, também impresso pela FUNARTE, do qual participei fornecendo todos os dados históricos sobre os autores e sobre o material que originou as partituras, embora não tenha recebido por essa pesquisa o devido crédito, pois o autor os usou como se tivesse realizado todo o trabalho.[9]

---

[9] NEVES, José Maria (org.). *Música sacra mineira: catálogo de obras*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997. 140p.

Muitas têm sido as obras que jaziam no esquecimento e que retornaram ao repertório usual da orquestra após a elaboração da partitura e das partes individuais. O que também nos obriga a esse tipo de trabalho é o fato de o número de componentes das orquestras sacras de São João del-Rei ter aumentado de modo considerável, tendo passado cada uma delas a contar com cerca de 80 componentes.

8. O arquivo da Orquestra Lira Sanjoanense

Com a criação da Fundação Roberto Marinho e, pela influência de um de seus diretores, Dr. José Carlos Barbosa de Oliveira (filho do grande pesquisador Dr. Tarquínio de Oliveira), houve um apoio mais objetivo às atividades musicais de São João del-Rei. Graças a esse apoio, a Lira Sanjoanense teve sua sede ampliada e totalmente restaurada, sob o patrocínio da Fundação Roberto Marinho, da Xerox do Brasil e do Banco do Brasil, criando-se um espaço próprio para o acervo musical, agora livre de infiltrações.

Conseguimos, então, adquirir alguns armários e estantes de aço para melhor acondicionamento de parte do acervo, apesar de ainda não ser a solução ideal nem a mais recomendável. Foram adquiridas pastas plásticas (tipo polionda) para acondicionar obras restauradas e encadernadas.

Com o imprescindível apoio do maestro Pedro de Souza, do qual guardo grata recordação pelos longos anos de convívio e mútua confiança, passei a montar partituras, especialmente do repertório usual no qual ainda usavam-se manuscritos de seus próprios autores. Após a montagem das partituras, extraía as partes individuais de canto e instrumentos. Com isso, houve a preservação dos manuscritos autógrafos. Mas isso tudo tem sido um trabalho estritamente artesanal, lento e dedicado, para o qual eu contava com a colaboração de Geraldo Barbosa de Souza, que revisava as partituras e corrigia erros harmônicos.

De obras que jaziam esquecidas no arquivo, muitas foram recuperadas e passaram a integrar novamente o repertório usual. Tais obras causavam admiração, pois eram totalmente desconhecidas dos integrantes da orquestra, mesmo dos mais velhos.

Paralelamente a esse trabalho musical, sempre que possível e havendo disponibilidade de tempo, eu realizava pesquisas nos livros manuscritos das irmandades e mesmo da Câmara Municipal. Como sempre mantive um bom relacionamento com o pároco e com as mesas administrativas das irmandades e ainda por ser na época servidor

público municipal, tive o privilégio de poder levar livros emprestados para, à noite, pesquisar em minha casa e transcrever dados históricos. Isso ampliou em muito as informações históricas disponíveis sobre São João del-Rei, fazendo com que nomes de músicos, compositores e atividades ainda desconhecidas fossem reveladas, embora ainda haja muito por ser feito.

Tentei, várias vezes, começar a catalogação do arquivo da Orquestra Lira Sanjoanense, mas a falta de conhecimento e de metodologia científica em tratamento de arquivos sempre me impediu de levar adiante esse propósito. Além disso, o acúmulo de tarefas e responsabilidades com as atividades da instituição, que nesse caso se mostravam mais importantes, absorviam-me quase todo o tempo restante.

Para melhor conservação das obras que restaurava, aprendi um sistema simples de encadernar as partes instrumentais e vocais, protegendo com capa em cartolina e/ou papel pardo e colocando um rótulo para identificação da obra. Isso era feito à noite, e a cada dia eu fazia um pouco.

Visando a seleção do material que deveria receber novas cópias, eu e Geraldo Barbosa de Souza organizamos uma estratégia peculiar: aos domingos, um pequeno grupo composto de dois violino, violoncelo, flauta, clarineta, e quatro cantores (SATB) reunia-se na sede da Lira Sanjoanense e, usando as partes antigas, fazíamos a leitura de algumas obras, para então selecionar as que melhor soassem. A partir disso, montávamos a partitura e extraíamos novas partes. Isso também aguçou, nesse grupo, uma maneira de identificar até mesmo a autoria e a época da composição, quando se tratava de autor anônimo. O grupo não chegou a estabelecer a autoria de tais obras, mas apenas levantou algumas hipóteses.

9. Para fora de São João del-Rei

Quando trabalhei no projeto *O ciclo do ouro: o tempo e a música do barroco católico*, juntamente com Adhemar Campos Filho, em 1976, conheci e convivi, durante os trabalhos no Museu da Música de Mariana, com a Professora Maria da Conceição de Rezende, que ficava admirada como Adhemar e eu trabalhávamos e conversávamos sobre a música sacra de Minas Gerais. Após a conclusão dessa pesquisa, ela contatou-me por telefone, convidando-me a ser debatedor em um trabalho sobre a música mineira no século XIX que ela iria apresentar no III Seminário sobre a Cultura Mineira, promovido pelo Conselho Estadual de Cultura em novembro de 1980. Tentei recusar o

convite, pois não me julgava competente para essa participação, mas devido à sua insistência, à sua afirmação de que eu teria o prazo de seis meses para ler o trabalho que ela estava redigindo e à informação de que eu seria apenas um dos debatedores, aceitei e aguardei o envio do texto, o que acabou não acontecendo.

Faltando somente duas semanas para o evento, Conceição Resende, em novo telefonema, agora inverteu os papéis: queria que eu fosse o expositor e ela a debatedora, alegando vários problemas de ordem pessoal, como a doença e morte de sua mãe, que a levaram a não conseguir redigir a tempo o seu trabalho. É claro que eu não poderia concordar, pois se ela tivera mais de dois anos para se preparar e não conseguira escrever o texto, como eu, sem nenhuma experiência de falar em público e, principalmente, sem os estudos necessários, poderia me aventurar a ser um expositor nesse tipo de evento? No mesmo dia, recebi novos telefonemas, agora de membros do Conselho Estadual de Cultura, solicitando que eu apresentasse um trabalho sobre a música mineira no século XIX, pois se eu não aceitasse o convite, teriam que cancelar o Seminário. Aleguei novamente a exigüidade de tempo - menos de quinze dias - para pesquisar e redigir um texto tão complexo. No dia seguinte, estavam em São João del-Rei membros do Conselho, que me obrigaram a aceitar o convite e afirmaram ter consultado diversas outras pessoas, todas unânimes em indicar-me para expor um trabalho no Seminário.

Procurei o amigo Adhemar Campos Filho, em Prados, e pedi seu auxílio para que pudesse me sair razoavelmente daquela empreitada. Ele tranqüilizou-me e, juntos, elaboramos uma estratégia para a realização do trabalho. Eu estava apavorado, pois nunca havia falado em público e porque mesmo a redação de um texto para tal finalidade implicava em uma linguagem acadêmica e científica que eu não dominava. Depois disso, reli anotações e rememorei tudo o que já havia lido e ouvido. No dia determinado, fiz minha exposição na Sala Humberto Mauro do Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Foram debatedores José Maria Neves[10] e Conceição Rezende.[11] Nas perguntas feitas pelos presentes, uma foi interessante: a pessoa queria saber a minha idade. Ao responder que estava com 37 anos, a pessoa afirmou: "então você passa o dia inteiro pesquisando, para deter tantas informações que ainda não li nem ouvi!" Esse

[10] NEVES, José Maria (debatedor). Cultura mineira - século XIX (música). III SEMINÁRIO SOBRE A CULTURA MINEIRA - SÉCULO XIX, Belo Horizonte, 17 a 21 nov. 1980. [*Atas*]. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura, 1982. p.45-52.

trabalho foi publicado nos anais do III Seminário Sobre a Cultura Mineira, pelo Conselho Estadual de Cultura.[12] A partir de então, recebi muitos convites para falar sobre a música em São João del-Rei.

Em 1981, também por insistência, agora de Cleofe Person de Mattos, Antônio Alexandre Bispo e Conceição Rezende, recebi o convite para participar, como especialista, do I Simpósio Internacional de Música Sacra e Cultura Brasileira, a ser realizado em São Paulo.[13] Fui pela curiosidade de conhecer as personalidades que estariam presentes, entre elas o Professor Francisco Curt Lange.

Esta foi uma experiência gratificante: ouvir personalidades internacionais (com tradução simultânea) e conhecer, por autoridades abalizadas, o pensamento da Igreja sobre a música sacra, já que estaria presente um legado pontifício. É natural que houvesse divergências nos debates, pois estavam reunidas as duas correntes da música litúrgica católica: a tradicional e a vanguarda pós-Concílio Vaticano II. Ao final do Simpósio, integrando uma comissão intitulada "Prática de música sacra nas igrejas na forma de coro e orquestra", foi redigido um texto para ser encaminhado à Santa Sé, em Roma, com diversas reivindicações, como a permissão da celebração, nas grandes solenidades, de missa totalmente rezada em latim, para se preservar o incomensurável tesouro mundial de música existente em todos o países católicos. Nessa oportunidade, participei também como membro fundador da Sociedade Brasileira de Musicologia, mesmo sem me considerar um musicólogo. Na qualidade de "especialista", tive a oportunidade de conversar com várias pessoas, muitas das quais queriam saber como São João del-Rei, conseguira preservar sua música sacra. Vários desses participantes, após o Simpósio, mantiveram correspondência comigo, solicitando informações e material musical.

Em 1982 fui solicitado a assessorar o Professor Francisco Curt Lange, quando da aquisição, pelo Governo Brasileiro, através do então SPHAN (Serviço do Patrimônio

---

[11] REZENDE, Maria [da] Conceição [de] (debatedora). A música integrada no fenômeno social do século XIX. III SEMINÁRIO SOBRE A CULTURA MINEIRA - SÉCULO XIX, Belo Horizonte, 17 a 21 nov. 1980. [*Atas*]. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura, 1982. p.53-71.

[12] VIEGAS, Aluísio José. A música mineira do século XIX. III SEMINÁRIO SOBRE A CULTURA MINEIRA - SÉCULO XIX, Belo Horizonte, 17 a 21 nov. 1980. [*Atas*]. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura, 1982. p.19-43. Reimpresso em: VIEGAS, Aluísio José. A música mineira do século XIX. In: REZENDE, Maria [da] Conceição [de]. *A música na história de Minas colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1989. p.675-692.

[13] O I Simpósio Internacional de Música Sacra e Cultura Brasileira foi realizado de 27 de setembro a 3 de outubro de 1981 pela Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo e organizado pela Pontifícia Comissão de Música Sacra "Consociatio Internationalis Musicæ Sacræ" (Roma) e seu "Institut für Hymnologische und Musikethnologische-Studien" em Maria Laach (Alemanha). Não foram impressos anais desse evento.

Histórico e Artístico Nacional), do acervo de música brasileira colecionado por ele através de suas pesquisas realizadas desde a década de 40. Minha função, nessa assessoria, foi a de elaborar uma primeira listagem dos manuscritos que o Brasil estava adquirindo, já que Curt Lange não tinha realizado nenhuma catalogação. Até então, apenas algumas das músicas de Lobo de Mesquita, Francisco Gomes da Rocha, Marcos Coelho Neto e Inácio Parreira Neves haviam sido divulgadas, através de edições[14] e concertos.

Minha maior curiosidade, nesse caso, foi esclarecer, com o próprio Curt Lange, a razão da escolha de meu nome para o trabalho, uma vez que eu era apenas um músico e pesquisador, sem nenhuma formação acadêmica, ou seja, praticamente um autodidata. Em 26 de outubro de 1982, em Ouro Preto, tive então a oportunidade de esclarecer essa dúvida: Curt Lange foi taxativo, alegando que já havia lido o texto publicado no III Seminário Sobre a Cultura Mineira e acompanhava, por informações de alguns de seus amigos, o que acontecia sobre a música em Minas Gerais, afirmando, então: "você e o maestro Pedro de Souza são os únicos que sempre me defenderam contra todos os que me criticam, e como eu queria conhecê-lo pessoalmente, esta foi uma oportunidade".

Os trabalhos de listagem iniciaram-se em 28 de outubro daquele ano, com a chegada do acervo, acondicionado em 27 grandes pacotes, e estenderam-se até o dia 14 de novembro. Nesses dias tive a oportunidade de conviver com Curt Lange e ajudá-lo em suas pesquisas nos livros manuscritos da Paróquia do Pilar e em uma viagem a Glaura (distrito de Ouro Preto).

Estabelecida por Curt Lange a metodologia a ser utilizada na elaboração da listagem, tive, então, conhecimento do seu expressivo acervo. O material continha obras separadas em pastas de cartolina, porém predominavam pacotes maiores onde estavam misturadas obras sem identificação de autoria, originárias de vários acervos e copiadas por vários copistas. À noite eu abria esses pacotes mais confusos e tentava dar uma certa ordem aos papéis, conseguindo separar muitas obras e identificando muitas delas.

Tive a surpresa de encontrar material pertencente às duas orquestras de São João del-Rei, que ali encontravam-se indevidamente. Consegui identificar as partes vocais da

---

[14] Cf.: LANGE, Francisco Curt. *Archivo de Música Religiosa de la* "*Capitania Geral das Minas Gerais*" *(Siglo XVIII), Brasil*: Hallazgo, Restauración y Prólogo, Francisco Curt Lange. Tomo I. Mendoza: Departamento de Musicología, Universidad Nacional de Cuyo, 1951. 102p.; MESQUITA, José Joaquim Emerico Lobo de. *Quatro Tractus do Sábado Santo*; coro misto, órgão e violoncelo obrigado; descobrimento e restauração por Francisco Curt Lange (1964); nota introdutória de Jaime C. Diniz. Recife, Coro Guararapes, 1979. vi, 15p.

Missa de Quarta-feira de Cinzas de Lobo de Mesquita,[15] que era tida pelo próprio Curt Lange como incompleta, pois só encontrara em Diamantina as partes instrumentais.[16]

É claro que a maior parte do acervo não tinha sido devidamente avaliada por Curt Lange. Apenas uma pequena parcela mereceu sua atenção e havia sido divulgada. Para agilizar o que eu fazia, especialmente nos pacotes mais confusos, o material que eu conseguia separar e identificar era envolvido em uma nova pasta de papel branco, onde se anotava tudo o que poderia ajudar para uma futura catalogação sistemática.

Tive a oportunidade de por em prática o conhecimento dos acervos são-joanenses para a identificação de muitas obras. Ao final de cada dia de trabalho, entregava a Curt Lange o resultado - listagens, dúvidas, afirmações - e trocávamos idéias sobre o que fora realizado. Tive, também, algumas divergências quando o inquiri sobre o material originário de São João del-Rei e de outras localidades que ali se encontrava, quando discordei de algumas de suas anotações nas capas que ele elaborara.

Aprendi muito com ele, como ele também muito aprendeu comigo. Às diversas pessoas que o procuravam na Casa do Pilar, ele fazia questão de me apresentar sempre afirmando: "Se eu tivesse tido, desde o início de minhas pesquisas, assessores como o Aluízio, eu teria feito muito mais pela música de Minas Gerais".

Quando o Museu da Inconfidência contratou especialistas para a catalogação do Acervo Curt Lange, várias vezes fui solicitado a ajudá-los. Depois da realização desse trabalho com Curt Lange, deparei-me com uma responsabilidade que nunca imaginei que teria: vários convites para participar de encontros, simpósios, seminários, sempre instado a escrever sobre o que já havia pesquisado.

O interesse pela musicologia teve um incremento expressivo na década de 1990: a pedido do amigo maestro Ernani Aguiar, fiz o levantamento da partitura de várias obras que ele posteriormente apresentou em concerto, destacandos-e a *Missa e Credo em Dó Maior* de Joaquim de Paula Souza, as *Matinas do Espírito Santo* e as *Matinas do Natal* de João de Deus de Castro Lobo, a *Letania de B. M. Virginis* de Lobo de Mesquita e várias outras obras de menor porte.

Com Ernani Aguiar e uma pequena equipe - Carlos Eduardo Fecher e Alex Assis Milagre - realizamos pesquisas em Piranga, Mercês do Pomba e Rio Pomba, as quais

---

[15] MUSEU DA INCONFIDÊNCIA / OURO PRETO. *Acervo de manuscritos musicais*: Coleção Francisco Curt Lange: compositores mineiros dos séculos XVIII e XIX / coordenação geral: Régis Duprat; coordenação técnica: Carlos Alberto Baltazar. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. v.1, 1991. n.121, p.84. (Coleção pesquisa Científica)
[16] Cf.: BARBOSA, Elmer Corrêa (org.). Op. cit. p.139-140.

resultaram, na primeira cidade, em um volumoso trabalho realizado na Sociedade Musical Santa Cecília, com a separação do material de música sacra do material de banda de música, que estava totalmente misturado.

10. Considerações finais

Com mais de quarenta anos dedicados à música em São João del-Rei e de modo especial na Orquestra Lira Sanjoanense, muito tentei fazer na preservação dos acervos musicais da cidade. Infelizmente, pela falta de recursos financeiros e de conhecimentos específicos de arquivologia, não consegui catalogar seu acervo.

Aproveitando a oportunidade, quando estão reunidos musicólogos, pesquisadores e estudiosos do nosso passado sonoro, neste I Colóquio Brasileiro de Arquivologia e Edição Musical, faço um pedido aos colegas: que o projeto que tanto beneficiou o Museu da Música de Mariana possa ter continuidade em outros acervos e, de modo especial, no arquivo da Orquestra Lira Sanjoanense.

11. Bibliografia

ARAÚJO, Damião Barbosa. Memento baiano para côro e orquestra: estudo introdutório, restauração e revisão de Jaime C. Diniz. *Estudos Baianos*, Salvador, Universidade Federal da Bahia, n.2. 1970. 30, 23p.

BARBOSA, Elmer Corrêa (org.). *O ciclo do ouro: o tempo e a música do barroco católico*; catálogo de um arquivo de microfilmes; elementos para uma história da arte no Brasil; Pesquisa de Elmer C. Corrêa Barbosa; assessoria no trabalho de campo Adhemar Campos Filho, Aluízio José Viegas; Catalogação das músicas do séc. XVIII Cleofe Person de Mattos. Rio de Janeiro: PUC, FUNARTE, XEROX, 1978 [na capa: 1979]. vi, 454p.

BORBA, Tomás & GRAÇA, Fernando Lopes. *Dicionário de música*. Lisboa: Cosmos, 1956-1958. 2v.

CASTAGNA, Paulo. Gabriel Fernandes da Trindade: os Duetos Concertantes. II ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, Juiz de Fora, Centro Cultural Pró-Música, jul. 1996. [*Anais*]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, Petrobrás, Universidade de Juiz de Fora, [1997]. p.64-111.

LANGE, Francisco Curt. *Archivo de Música Religiosa de la* "*Capitania Geral das Minas Gerais*" *(Siglo XVIII), Brasil*: Hallazgo, Restauración y Prólogo, Francisco Curt Lange. Tomo I. Mendoza: Departamento de Musicología, Universidad Nacional de Cuyo, 1951. 102p.

MATTOS, Cleofe Person de. *Catálogo temático das obras do padre José Maurício Nunes Garcia*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1970. 413p.

MESQUITA, José Joaquim Emerico Lobo de. *Quatro Tractus do Sábado Santo*; coro mixto, órgão e violoncelo obrigado; descobrimento e restauração por Francisco

Curt Lange (1964); nota introdutória de Jaime C. Diniz. Recife, Coro Guararapes, 1979. vi, 15p

MUSEU DA INCONFIDÊNCIA / OURO PRETO. *Acervo de manuscritos musicais*: Coleção Francisco Curt Lange: compositores mineiros dos séculos XVIII e XIX / coordenação geral: Régis Duprat; coordenação técnica: Carlos Alberto Baltazar. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1991. v.1, 178p. (Coleção pesquisa Científica)

NEVES, José Maria (debatedor). Cultura mineira - século XIX (música). III SEMINÁRIO SOBRE A CULTURA MINEIRA - SÉCULO XIX, Belo Horizonte, 17 a 21 nov. 1980. [*Anais*]. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura, 1982. p.45-52.

NEVES, José Maria (org.). *Música sacra mineira: catálogo de obras*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997. 140p.

REZENDE, Maria [da] Conceição [de] (debatedora). A música integrada no fenômeno social do século XIX. III SEMINÁRIO SOBRE A CULTURA MINEIRA - SÉCULO XIX, Belo Horizonte, 17 a 21 nov. 1980. [*Anais*]. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura, 1982. p.53-71.

TRINDADE, Gabriel Fernandes da. *Duetos concertantes*: restauração Paulo Castagna e Anderson Rocha; violinos Maria Ester Brandão e Koiti Watanabe; texto Paulo Castagna; english version Martha Herr. São Paulo: Paulus, 1995, CD 11100-7.

VIEGAS, Aluísio José. A música mineira do século XIX. III SEMINÁRIO SOBRE A CULTURA MINEIRA - SÉCULO XIX, Belo Horizonte, 17 a 21 nov. 1980. [*Anais*]. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura, 1982. p.19-43.

__________. A música mineira do século XIX. In: REZENDE, Maria [da] Conceição [de]. *A música na história de Minas colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1989. p.675-692.